

## O APAGAMENTO HISTÓRICO-LITERÁRIO DE *SIMÁ*

Maison Antonio dos Anjos Batista - UEA<sup>1</sup>

**RESUMO:** A conscientização de um nacionalismo exacerbado, tendo o herói nacional como representante máximo é uma das características marcantes do Romantismo e, quando falamos do Romantismo brasileiro, o romance indianista tem o índio nesse papel. Muitas obras se destacaram nessa escola a exemplo de *O Guarani* e *Iracema*, ambas de José de Alencar. Mas percebemos que algumas ficaram à margem dessa escola, legadas a serem chamadas de regionalistas. Historicamente elas ficaram esquecidas ou conhecidas por um público reduzido. O que interessa aqui é chamar a atenção para uma obra romântico-indianista que ficou à margem do processo e, conseqüentemente, "apagada" dos estudos literários. Do autor Lourenço Amazonas, *Simá: romance histórico da Amazônia*, tem como protagonista uma mameluca, e publicada no mesmo ano de *O Guarani*, mas nem perto do valor dado a este. O que se propõe é levantar pontos que fazem com que *Simá* não deva ser abandonada ao esquecimento e contribuir para os estudos literários amazônicos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Simá; Literatura; História; Literatura amazonense; Romantismo.

**ABSTRACTS:** The awareness of an exaggerated nationalism, having the national hero as maximum representative is one of the hallmarks of Romanticism, and when we speak of Brazilian romanticism, the Indian novel has the Indian in that role. Many works have stood out in this period, like *O Guarani* and *Iracema*, both by José de Alencar. But realized that some were left on the sidelines of this period, bequeathed to be called regionalists. Historically they have been forgotten or known to a small audience. What is interest to draw attention to a romantic-Indianist work that has been left out of the process and, consequently, "forgotten" from literary studies. From the author Lourenço Amazonas, *Simá: historical novel of the Amazon*, it has as protagonist mameluca, and published in the same year of *O Guarani*, but not even close to the value given to this one. What propose is to raise points that mean that *Simá* should not be abandoned to oblivion and contribute to Amazonian literary studies.

**KEYWORDS:** Simá; Literature; History; Amazonense literature; Romanticism.

### A RELAÇÃO HISTÓRIA E LITERATURA

A relação entre a Literatura e a História sempre foi muito próxima, não é de hoje que os historiadores sentem-se atraídos pela Literatura, até mesmo pelo fato de textos literários ficcionais serem utilizados no ensino de História. Como exemplo disso, podemos citar o que acontece nos estudos sobre a tensão política e o emancipacionismo ocorridos nas Minas Gerais no final do século XVIII, onde se recorre a Tomás Antonio Gonzaga e a Cláudio Manuel da

---

<sup>1</sup> Mestrando do curso de Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas – UEA; Professor de Língua Portuguesa da Secretaria de Educação do Estado do Amazonas – SEDUC-AM.

Costa. Na mesma mão, usar José de Alencar no que tange análise no período do Brasil Império é um recurso comum. Em âmbito mais amplo, trechos de *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, serem lidos quando se pretende abrir uma discussão da França conflagrada na Segunda República.

Tanto as narrativas históricas quanto as ficcionais compartilham elementos de construção, trocam informações e "confidências", visitando-se com muita frequência. Mas antes mesmo de lerem livros de História, as pessoas, ainda na infância, se detêm a textos dos mais diversos gêneros de ficção, como contos de fadas e histórias em quadrinhos, além de contos e romances. Os textos de ficção antecedem, então, o contato com os textos históricos.

O compromisso primeiro do texto ficcional é justamente com a imaginação, o objeto do ficcionista é o de criar, inventar, porém essa criação inventiva não se encerra na publicação da obra. Existem situações em que o ficcionista necessita tratar explicitamente de questões históricas e precisa que essas sejam percebidas com facilidade o que garante ao leitor prosseguir pelo *bosque*<sup>2</sup>, levando-o a perceber mensagens ou compromissos políticos objetivos e imediatos que o autor pretende transmitir.

Sabendo que existe essa forte relação e compromisso da História com a Literatura é que se volta para as obras literárias do Norte do Brasil, pois houve um grande esquecimento dessas obras, em especial para *Simá* (1857), de Lourenço Amazonas. Na terceira edição dessa obra, Gondim afirma o seguinte:

A História da Literatura Brasileira não registra obras importantes do extremo norte do país, lançadas no século XIX. Essa omissão inicia-se com o *Simá – Romance Histórico do Alto Amazonas*, publicado em Recife, no mesmo ano em que *O Guarani*, do cearense José de Alencar, ganhava a feição de livro, em 1857. (2011, p. 7)

*Simá: Romance Histórico do Alto Amazonas*<sup>3</sup> foi lançado em 1857, em Recife, 38 anos após a publicação da epopeia *A Muhraida* (1819). Coincidentemente no mesmo ano em que uma das obras mais marcantes do Romantismo-indianista brasileiro tomava corpo de livro, uma vez que surge primeiramente como folhetim, *O Guarani*, de José de Alencar. Por suas características, aquela se aproxima muito de outra obra desse autor, *Iracema* (1865), exatamente 8 anos após a publicação de *Simá*.

Monteiro tem um posicionamento dialógico quanto à *Simá*, uma vez que o romance

<sup>2</sup> Aqui se refere ao que o italiano Umberto Eco fala sobre narrativa ficcional em sua obra *Seis Passeios pelos Bosques da Ficção*.

<sup>3</sup> Por questões de objetividade, trataremos a obra aqui neste trabalho apenas como *Simá*.

é um pouco assim prejudicado pela monotonia das páginas atravessadas de descrições desnecessárias, um intelectualismo que talvez não seja apenas vocação temperamental mas necessidade de acompanhar a onda romântica. E prejudicado ainda mais pela carência de revisão no texto, que lhe confere ares de obra tecida de rústicas malhas, uma espécie de romance de cordel pelo desalinhavo, quando na verdade o autor era um erudito (1977, p.157).

De outro modo, Monteiro acredita que Lourenço Amazonas enriqueceu propositalmente *Simá* com

baratezas de tequeteque, ajoujando a obra de pechisbeques de regatão e de brilhaturas de mala-de-turco. Mas no romance você se sente em casa, bebe açai, toma chocolate, vinho de cupuaçu com os gomos cortados a tesouras, lexemas culturais que fazem apelo à sensualidade, são formas sensoriais que estimulam uma poética do espaço (1977, p. 163).

Sabendo que o livro de Lourenço Amazonas, *Simá*, não tem representação na História literária, mas sabendo também que essa obra é importantíssima para os estudos da Literatura amazônica, principalmente pelo papel que ela ocupa no panorama amazônico, propõe-se a apresentar um estudo dessa obra para enriquecer os trabalhos de valorização dos estudos literários das obras amazônicas.

## **A LITERATURA AMAZONENSE**

Como já afirmado, os estudos voltados para a literatura do Norte do país não teve papel de protagonista no que diz respeito à valorização das obras produzidas nessa região, quando se afunila esses estudos, a literatura amazonense recebe menos representatividade, "A Literatura 'Amazonense' pouco ou quase nada foi feito de Análise ou Crítica Literária" (LOURO, 2017, p. 33), não que não haja obras com valor estético necessário para ser dada uma devida importância, mas por uma desvalorização das obras que estão à margem dos centros culturais do país e ainda incentivo para os estudos e pesquisas voltados para essa produção artística.

Por isso a inquietação, se a História e a Literatura possuem tanta relação uma com a outra, o que justifica muitas das obras amazonense serem totalmente desconhecidas tanto do público leitor quanto dos críticos literários?

Existem sim muitas obras literárias amazonenses que possuem um grande valor. Esse valor não se resume apenas para aqueles que pertencem à região amazônica, mas a todos os estudiosos que se debruçam sobre os estudos de Crítica Literária. Essa Literatura é fortemente marcada pelos ciclos econômicos, para Monteiro é:

desnecessário repetir que não há ainda um estudo formalizado das condições econômicas locais em função direta e/ou indireta na literatura *strito sensu*, em termos de suporte temático e não absolutamente de móvel liberador de recursos promotores dessa literatura. O fato existe, está presente na raiz da história, mas salvo aquele dominador comum oferecido pela antropogeografia da borracha, o mais tem sido relegado à indiferença. (1998, p. 3)

Sendo assim, a Literatura amazonense em relação ao seu ciclo econômico pode ser vista da seguinte forma<sup>4</sup>: Arcadismo (barroquismo) - prevalece a exploração das drogas-do-sertão como os produtos naturais da selva; Romantismo (indianismo), com a exploração do cacau; Realismo (novo-realismo) com a exploração da borracha. Mas de um modo geral a prosa em torno de ciclos econômicos é bastante representativa na literatura brasileira. "A partir do movimento romântico, alguns romances de caráter regionalista ou sertanista já abordaram as temáticas em torno dos ciclos econômicos." (LIMA, 2009, p. 18)

No fim do período cacauzeiro surge a exploração da goma-elástica (borracha) e nessas transições a figura do regatão, responsável por intermediar o produtor e o consumidor dos centros mais desenvolvidos. Quanto a esse elemento

Tamanha importância assumiu a sua presença na região pelos abusos cometidos a par da cultura e do bem-estar promovidos e disseminados, que os primeiros romances amazonenses, especulando sobre os juízes nocivos dessa figura, fizeram-na protagonista de perturbadoras histórias. (MONTEIRO, 1998, p. 5)

Percebe-se essa figura na obra aqui escolhida para estudo, *Simá*. O regatão é representado por Régis, português, um daqueles que se candidatam a pretendentes de Simá (e também seu pai, mas nenhum deles sabe disso a não ser no fim da narrativa); e sua presença se faz mais importante quando nos detemos no capítulo dois, intitulado *O regatão*, onde vemos claramente o papel desse elemento da região. Aqui já se percebe como um dos elementos constituintes da cultura amazônica.

## A OBRA

O romance é composto por 22 capítulos mais um epílogo, cada um deles com um título, a introdução já compõe parte dos capítulos, sendo numerado como capítulo um. Foi escrito por

---

<sup>4</sup> Toma-se como base o esquema proposto por Mario Ypiranga Monteiro em *Fatos da Literatura Amazonense*, no capítulo *Edenismo e Infernismo*.

Lourenço da Silva Araújo Amazonas, nascido na Bahia em 9 de agosto de 1803, vindo a falecer no ano de 1864. Pertenceu à Marinha Imperial como capitão-tenente na Comarca do Amazonas. Publicou, em Recife, o romance histórico *Simá*.

Apesar de ser intitulado por *Simá* e essa fazer parte da narrativa, o verdadeiro protagonista é Marcos ou Severo, que é a mesma pessoa. Por ser um personagem com dois nomes ele já apresenta distintos papéis sociais dentro do romance. Marcos simboliza um sujeito histórico dividido entre o mundo europeu e o indígena. "Em *Simá*, há uma procura e uma preservação de identidade. O tuxaua que, de Marcos, passa a se chamar Severo, sintetiza a busca na própria perda de identidade, justificada pela mudança de nome." (GONDIM, 2002, p. 90)

A narrativa se desenrola quando Delphina, filha de Marcos, morre após o parto, de melancolia. Sua filha, Simá, é fruto da violência feita por Régis, regatão na região. Simá é mameluca e terá como pretendentes à sua mão Domingos, indígena, e dois portugueses, Loiola e Régis, este seu pai, sem saberem.

Na narrativa há um fim trágico quando Régis é queimado e, com ele, Simá e Marcos/Severo, fugindo do tradicional final bem resolvido dos romances da época, porém entrando no rol das narrativas que se encerram com um incêndio, cumprindo um ciclo escatológico.

Severo e Régis são vitimados pelo desabamento do teto da igreja, totalmente incendiado pelos índios rebeldes. Ambos, o colonizador e o índio destruído e sem identidade, isto é, a causa e o efeito da colonização – a permissividade e a passividade – são purificados sob os efeitos das chamas. (GONDIM, 1996, p. 88)

Além das relações amistosas entre portugueses e tapuias, sendo intermediado pelos jesuítas, apresenta-se também como um romance histórico pelo registro feito dos costumes que são representados, como as dança e os folclores que compõem aquela época.

Em *Simá* temos um romance notadamente de corrente indianista que trata da colonização portuguesa, onde se percebe claramente a perda da identidade indígena em contato com a cultura dos brancos, aqui lembrando Marcos/Severo, não diferente da própria Simá, que não apresenta características e costumes indígenas, é mais aparente apresentar-se em um espaço culturalmente branco.

*Simá* foi publicado trinta e oito anos após *A Muhraida* (1819), de Enrique João Wilkens e, para Monteiro:

As diferenças que ocorrem entre a epopeia *A Muhraida* e o romance histórico *Simá* são naturalmente estabelecidas pelo motivo central que gera a cadeia de sucessos heroico-passionais não obstruídos neste e o móbil do primeiro fornecido por um sonho que inspira a pregação da ecfrase. (1977, p. 151)

## A INVISIBILIDADE DE *SIMÁ* ENQUANTO ROMANCE HISTÓRICO

Coincidentemente, *Simá* é publicado no mesmo ano de *O Guarani*, de José de Alencar, sendo dessa forma contemporâneo às narrativas de corrente indianista. O romance se aproxima do identitário nacionalista brasileiro, principalmente pela proximidade com outra publicação de Alencar, *Iracema* (1865), apesar de que aquela é anterior a esta.

Tenório Telles defende a ideia de que *Simá*, enquanto valor temático e histórico tem mais valor que "a virgem dos lábios de mel", de Alencar.

*Simá*, do ponto de vista temático e histórico, tem mais relevância que *Iracema*, embora faltasse a Lourenço Amazonas o talento literário de Alencar. A percepção do autor de *Simá* em relação a presença europeia na Amazônia é crítica e pessimista, o que difere do autor de *Iracema*, que é condescendente e tenta justificar o processo civilizatório empreendido pelos europeus no Brasil e no continente americano. (2011, p. 307)

Ainda no mesmo texto, Telles (2011) diz que *Simá* extrapola seu caráter de denúncia e torna uma metáfora da tragédia pela qual passou os nativos da Amazônia.

A afirmação feita aqui, da invisibilidade de *Simá*, se dá pelo total desconhecimento dos historiadores da literatura brasileira uma vez que ela foi impressa em Recife, naquele tempo,

tentava-se criar um passado para o Brasil e o índio apontava como elemento possuidor da brasilidade que faltava à literatura, ou mesmo como uma justificativa ante os caminhos que tomava o país frente ao processo de implantação da república e o incômodo que representava a escravidão negra. (GONDIM, 2002, p. 95)

Mesmo sabendo que Bosi, em *História Concisa da Literatura Brasileira*, não pretende esgotar as obras nos estudos que faz da literatura brasileira, mas diante do panorama brasileiro à Literatura Amazonense cabe apenas um pequeno comentário sobre regionalismo.

Não haveria mãos a medir se se pretendesse aqui arrolar os autores que das várias partes do país concorreram para engrossar esse gênero de ficção. Que, aliás, assume, nos casos mais felizes, um inegável valor documental. Parte dela resiste à leitura pelo decoro verbal que logrou atingir. (BOSI, 2006, p. 426)

A partir desse ponto são citados alguns autores amazonenses, mas ligados a uma tradição modernista. O que pode deixar parecer que antes disso não havia literatura amazonense, contribuindo ainda mais para o "apagamento" da historiografia de *Simá*.

Na outra mão, José de Alencar ganha destaque muito maior que qualquer autor amazonense. Sua obra *Iracema*, que representa uma metáfora da construção do Brasil, onde é feita uma aprofundada reflexão da constituição histórica brasileira, falando além de outros aspectos, da miscigenação do branco com o índio é trabalhada e estudada com afinco dando bastante atenção aos estudos dessa obra no que tange também o sentido identidade nacional.

Mas esse conflito entre branco e índio não é exclusividade de *Iracema*. *Simá* é considerado o primeiro romance amazonense, e já traz o conflito entre o civilizado e o que pelo outro é chamado de primitivo. A diferença temporal entre as duas obras romântico-indianistas é de oito anos. Mas em compensação, o ato de ignorar a obra de Lourenço Amazonas é clara. Se nos compêndios de História Literária ela não aparece, fica mais difícil incentivar trabalhos e estudos voltados para essa obra, daí exigindo um trabalho hercúleo para que o romance não seja totalmente esquecido e apagado da História da Literatura.

Tanto em *Iracema* quanto em *Simá* o relato da formação brasileira é presente, a ideia do brasileiro; onde o resultado se dá a partir da relação do europeu com o nativo, o indígena. Nas duas obras a forma como "o ser brasileiro surge" se dá de forma violenta, típica de colonização brasileira. Na obra aqui estudada, *Simá*, é fruto do estupro que sua mãe, Delphina, sofre pelo regatão Régis. Após no nascimento de *Simá* sua mãe acaba morrendo de melancolia.

È justamente a forma como *Simá* foi concebida que ilustra a maneira que se deu a colonização brasileira por parte dos europeus, dessa relação surge um dos representantes dessa relação, o mameluco. Após o nascimento de *Simá* começa a segunda parte da narrativa. Nessa segunda parte a ambientação é feita já na parte do rio Negro.

Como as duas obras apresentam as mesmas características e trabalham com a identidade brasileira, nada mais justo que as duas tivessem o mesmo lugar dentro da crítica e historiografia literária. "*Simá* mostra o índio como possuidor de uma cultura milenar ao mesmo tempo em que a colonização portuguesa é mimetizada como perniciososa por justamente eliminar aquela cultura. A narrativa atendia aos apelos políticos e culturais daquele momento." (GONDIM, 2002, p. 95)

Outro elemento que caracterizam esse período, romântico, é o homem como centro da narrativa, o que se percebe também em *Simá*, seus costumes, inclusive o vestuário

não faltará quem salte nas pontinhas dos pés, já hoje bem apertadinha em um espartilho, verdadeiro instrumento de asfixiar, tão redondinha, como uma

campanha de cima da mesa à força, diremos antes acúmulo de saias, cujo número não é da conta de ninguém (...)

A mesma reforma se opera entre os homens, que depõem de casacas de chita e seda e adotam os trajos do uso corrente na capital do reino. (AMAZONAS, 2011, p. 161-162)

A narrativa é repleta de citações a políticos e personagens históricos, assim como de elementos da cultura brasileira, lembrando que essa também tem influência da cultura africana, trazida pelos negros aqui escravizados. Pode-se exemplificar com o prometimento de Simá a Domingos, como elementos da cultura indígena:

Formaram ao depois em redor dos noivos um grande e perfeito círculo, dentro do qual entrou um pajé, que apresentando aos noivos uma manga, crivada de tocandiras<sup>5</sup>, experimentou sua fortaleza no trato inconcebível de suas dolorosas mordeduras (AMAZONAS, 2011, p. 169)

e também ainda se tratando do noivado de Simá com Domingos, agora em relação à mulher, a descrição de um ritual indígena:

todos se recolheram à cabana, onde coube a noiva ainda um trato, não menos doloroso. Assentada no meio da sala sofreu que cada um dos que dançavam em seu redor, ao passar por ela, lhe arrancasse uma porção de cabelos: que ultimado, e acesos os cachimbos, fumaram em alusão ao par da aliança. (AMAZONAS, 2011, p. 169)

A dança lundu, trazida pelos negros, música, literatura, tudo é citado no romance. Em se tratando de referência à romance dentro de *Simá, A Moreninha*, de Joaquim Manoel de Macedo, publicado em 1844, primeiro romance desse autor, surge dentro da obra. Logo percebemos a relação que Lourenço Amazonas tem em relação ao diálogo com outras obras do mesmo período. Na apresentação feita para a trigésima quinta edição de *A Moreninha*, Consuelo Albergaria Prado diz que "O romance é o instrumento de uma ideologia usada como meio de propaganda e afirmação de um grupo a serviço de uma classe em vias de formação." (2010, p. 9)

Se a obra tem tanto elementos enriquecedores na análise dos costumes do século XIX e de identidade brasileira, principalmente no caráter do herói nacional, o indígena, o que se percebe, segundo Oliveira, "é que no Amazonas, em sua incipiente cultura histórica, ensejou-se um presente sem história, um presente opressivo, que obscurece a visão do passado, nega sua presença no presente e bloqueia a irrupção do futuro." (2014, p. 27)

A construção histórica feita do contato do colonizador com o colonizado, realizada por Lourenço Amazonas, em *Simá*, nos põe no auge da colonização, então, ao mesmo tempo em

---

<sup>5</sup> No livro a escrita aparece tocandiras, mas a forma mais comum é tucandeiras.



que é ficcional, é histórico. Não se pretende diminuir o valor existente em *Iracema*, mas nada justifica o apagamento feito à *Simá*. Se a intenção é construir uma identidade, nada mais justo que promover uma identidade, principalmente amazônica partindo de obras que registrem a formação desse grupo amazônico e que situe a narrativa em ambiente amazônico, tendo em vista que nada deve às narrativas do mesmo período, apesar de um breve comentário feito por Monteiro (1977, p. 157) de que a obra se prejudica pela monotonia com que são feitas as descrições, que ele considera desnecessárias, onde entende que é uma necessidade de acompanhar a onda romântica, nada depõe contra a qualidade dessa obra.

Só apresentar os elementos que incluem essa obra na escola romântica não é a única coisa que traz importância a ela. No próprio subtítulo, Romance histórico do Alto Amazonas, já traz luz para que se estude tal trabalho. Em *Simá*, a revolta de Lomalonga, Caboquena e Bararóá, ocorrido em 1557, é trazido à baila.

Esse assunto é tratado no capítulo XVI da obra, intitulado *Conselho dos Principais*. A personagem Mabbé assim justifica o conselho:

--- Principais e pajés da grande nação Manaus. Uma garantia, que não pequena consolação importa a nossa nação, de que Saráua não se há de todo esquecido, e de que porventura mais ditoso futuro lhe destina, é certamente esta reunião do seu conselho, tão contínua, regular de oportunamente observada. Pouparei ponderar-vos os presságios estupendos que indicam grandes acontecimentos, segundo hão explicado os nossos pajés, para encarecer-vos a importância do objeto desta reunião, que sendo o mesmo de todas as outras, isto é, a restauração da nossa independência, pode-se, com toda a afoiteza, senão segurança chamar-se de sua realização. (AMAZONAS, 2011, p. 207-208)

Se entre os índios existiam aqueles que contavam com a independência indígena do colonizador/explorador europeu, haviam também aqueles que se opunham a sua independência uma vez que ganhavam com a exploração comercial com os portugueses. Sobre esse último ponto Marcos, na figura de Severo, possui relação estreita com os portugueses. Vale ressaltar que Marcos/Severo também era um manau, mas punha seus interesses acima do interesse do coletivo, mais um ponto que se deve levar em consideração quando se trata da aculturação da personagem indígena, seja em *Simá*, seja em outras obras literárias.

Talvez o isolamento geográfico amazônico tenha contribuído para o isolamento literário ficcional amazônico, a ideia desse isolamento já foi muito discutido, mas o que incomoda é que "As potencialidades imaginárias que os autores de ficção pensam existir na Amazônia ainda

guardam o vigor dos tempos primeiros dos navegadores de águas turvas e cristalinas do rio das Amazonas e de seus tributários no bordado de suas estradas líquidas." (GONDIM, 1994, p. 271)

Outro fator que contribui para o esquecimento de *Simá* seja por continuamente as obras do Norte do país serem vistas e tratadas como regionalistas. O que nos prejudica em muito, pois coloca essas obras como à margem de uma produção literária de valor estético superior, e em se tratando de identidade

é inaceitável que esta seja produzida sob as bases do regionalismo literário, já que, se tomarmos o regionalismo em sua acepção mais comumente aceita, como sendo a representação exacerbada das características de um determinado local, veremos que tal caminho finda por inviabilizar toda e qualquer discussão identitária, posto que o próprio horizonte oferecido pelo romance já aponta para modelos que referenciam uma identidade acabada e definida. (SILVA, 2012, p. 25)

Tal definição pretende somente caracterizar as obras que são produzidas fora dos grandes centros urbanos. Em *Amazônia: terra sem história* (2014), de Euclides da Cunha, o autor afirma que a Amazônia não possui uma história, o que não condiz com a realidade o que ocorreu foi um abandono por parte dos centros urbanos no que diz respeito à sua produção literária.

Se se afirma que a Amazônia é desprovida de história o que dizer então do pensamento de haver uma produção literária capaz de dialogar e colaborar com a produção literária nacional? Aqui não se pretende esgotar a análise da obra *Simá*, mas contribuir com elementos que comprovam que esse romance possui valor comparável às obras do período romântico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se viu aqui foi um alerta para o descaso com que tem sido tratada a Literatura Amazônica, não por não ter o que oferecer aos estudos e críticas literárias, mas por um esquecimento, proposital ou não, daquilo que continuamente se chama de regionalismo, sem se deter na análise do que essas obras podem contribuir para a identidade histórica do país. Prova disso é o vemos em *Simá*.

Para Telles,

Os escritores que lograram maior êxito literário foram aqueles que --- senhores de seu ofício --- souberam expressar artisticamente o funcionamento e complexidade da sociedade e os dramas humanos. Por isso, ao conceber sua obra, o escritor presta testemunho sobre o seu tempo. (2013, p. 163)

Diante do que afirma Telles, Lourenço Amazonas, em *Simá*, não deixa nada a dever aos cânones literários brasileiros. Assim sendo, os estudos voltados para a literatura amazônica devem ser intensificados, principalmente *Simá*, que foi "banida" dos estudos da historiografia brasileira.

Não procede, diante de tão rico material, dizer que não existe uma literatura amazônica. Essa atende as necessidades exigidas pelos padrões artístico-estéticos e dialogam diretamente com a história, seja no registro de transformações culturais, seja no diálogo com as estéticas literárias.

A construção de um novo conceito de história, a reconversão do processo cultural amazonense em bases autônomas, a ressignificação crítica de sua memória apresentam-se como desafios teórico-práticos que, em primeiro lugar, dizem respeito a nós, que habitamos esta terra. (OLIVEIRA, 2014, p. 37)

Cabe aos historiadores literários continuar no pedregoso processo de análise e estudos das obras amazonenses, ou ainda, amazônicas, buscando um espaço significativo nesse campo, pois num campo tão vasto quanto o da Literatura a persistência é imprescindível. Não só por um espaço, mas também por uma permanência da Literatura amazonense, esses trabalhos devem ser feitos para que a identidade amazonense deva ser preservada enquanto representada em obras literárias. Essa persistência e permanência deve, então, começar por *Simá*, primeiro romance amazonense. Quanto a essa obra, Gondim já começou a abrir espaço com *Simá*, *Beiradão e Galvez, imperador do Acre – Amazônia: Ficção e História*, entretanto outros trabalhos fazem-se necessário.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José de. **Iracema**. 22. Ed. Manaus: Valer, 2010.

AMAZONAS, Lourenço. **Simá: Romance Histórico do Alto Amazonas**. 3. Ed. Manaus: Valer, 2011.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 43. Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CUNHA, Euclides. **Amazônia: Terra sem História**. Manaus: Valer, 2014.

ECO, Umberto. **Seis Passos pelos Bosques da Ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

GONDIM, Neide. Apresentação. IN. AMAZONAS, Lourenço. **Simá: Romance Histórico do Alto Amazonas**. 3. Ed. Manaus: Valer, 2011.

\_\_\_\_\_. O Nacional e o Regional na Prosa de Ficção do Amazonas. In: **Leituras do Amazonas: Revista Internacional de Arte e Cultura**. Ano II, n.º 2 (jan./dez., 2000). Manaus: Valer, 2002.

\_\_\_\_\_. **A Invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

\_\_\_\_\_. **Simá, Beiradão e Galvez, Imperador do Acre - Amazônia: Ficção e História**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1996.

LIMA, Lucilene Gomes. **Ficções do Ciclo da Borracha: A Selva, Beiradão, O Amante das Amazonas**. Manaus: EDUA, 2009.

LOURO, Francisca de Lourdes Souza. Chuva Branca no Universo de Paulo Jacob. In: OLIVEIRA, Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de; SANTOS, José Benedito dos; AZEVEDO, Kenedi Santos (Orgs.). **A Literatura no Amazonas: 1954-2010**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017

MONTEIRO. Mário Ypiranga. **Fatos da Literatura Amazonense**. 2. Ed. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1998.

\_\_\_\_\_. **Fases da Literatura Amazonense**. Manaus: U. A., 1977.

OLIVEIRA, José Alcimar de. **Cultura, História e Memória**. 2. Ed. Manaus: Valer, 2014.

PRADO, Consuelo Albegaria. Lente de Contato. In: MACEDO, Joaquim Manuel de. **A Moreninha**. 35. Ed. São Paulo: Ática, 2010.

SILVA, Victor Leandro da. **O Norte Impossível: Ficção, memória e Identidade em Narrativas de Milton Hatoum**. Manaus: Edições Muiraquitã, 2012

TELLES, Tenório. Simá – um romance sobre a Amazônia. In: AMAZONAS, Lourenço. **Simá: Romance Histórico no Alto Amazonas**. 3. Ed. Manaus: Valer, 2011.

\_\_\_\_\_. A Caligrafia de Deus: Ilusão e tragédia nos Trópicos. In: LEÃO, Allison; KRUGÜR, Marcos Frederico (Orgs.). **O Mostrador da Derrota: estudos sobre o teatro e a ficção de Márcio Souza**. Manaus: UEA edições, 2013)